

Volume III

Sana  
Khan

UM MESTRE  
NO ALÉM

Luiz Roberto Mattos

**SANA KHAN – UM MESTRE NO ALÉM**  
**(VOLUME 3)**

**LUIZ ROBERTO MATTOS**

## INTRODUÇÃO

Após quase nove anos do lançamento do meu livro Sana Khan – Um Mestre no Além, volume II (o volume I foi lançado em 1992 e o II em 1998), decidi finalmente voltar a escrever sobre minhas experiências no campo espiritual, notadamente experiências de projeção astral, ou desdobramento, e minhas andanças no mundo espiritual.

Sei que, como nas vezes anteriores, estarei escrevendo não somente para os entendidos no assunto, os que já tiveram experiências de saída do corpo, e para iniciantes no estudo dessas coisas, mas também para os leigos. Assim, mais uma vez tentarei escrever em linguagem simples e corriqueira, procurando tanto quanto possível dizer em palavras simples e comuns coisas muitas vezes complexas e de difícil entendimento. O trabalho será árduo, mas certamente valerá a pena. O retorno que meus leitores têm me dado tem me estimulado bastante a escrever novamente, a contar novas e interessantes experiências obtidas no mundo espiritual.

Falar em mundos ou universos paralelos, em que pese ser coisa já antiga, surrada, e não comprovada cientificamente, nos deslumbra demais, e sempre nos atrai, porque nos trazem à lembrança nossas crenças religiosas e necessidades quanto à existência efetiva de um mundo onde viveremos após a morte do corpo físico. E a possibilidade de conhecermos ainda em vida um pouco daquilo que nos aguarda no outro mundo é fantástico.

É comum pessoas que não acreditam na vida depois da morte dizerem que “ninguém que já morreu voltou para contar o que existe do outro lado”. E isso gera incredulidade e descrença na vida futura.

Trago ao leitor, mais uma vez, e já pela terceira vez, relatos de lembranças de viagens, andanças, trabalhos, estudos, encontros, etc, no comumente chamado mundo espiritual. E não tenho pretensão realmente de convencer. Não sou cientista, e este não é de forma alguma um tratado científico, mas uma obra meio romanceada na qual buscarei expor minhas experiências mais recentes no que diz respeito ao contato e vivência no mundo espiritual. Acreditar ou não em meus relatos fica por conta de cada leitor, pois certamente não tenho como provar o que aqui será contado.

A existência de uma ou mais dimensões, planos ou mundos não físicos, o que chamarei também de universos paralelos, ou mundos paralelos, está longe de ser provada pela ciência, e talvez isso nunca aconteça de fato. Mas o conhecimento e a crença em sua existência remonta a eras imemoráveis...e é de uma antiguidade incomensurável...

Hoje os historiadores se dividem quanto à primeira civilização a nascer no mundo, se a egípcia ou a mesopotâmica.

Se ficarmos com a egípcia, que parece ter sido bem mais avançada em vários aspectos do que a outra, veremos que quando foram construídas as grandes pirâmides do platô de Gisé, às margens do Rio Nilo, em época que hoje os historiadores

colocam em 2.500 anos antes de Cristo, a religião egípcia há muito tinha como verdade incontestável a vida após a morte, e por isso nos túmulos eram colocados vários objetos de uso pessoal do morto, acreditando que eles necessitariam deles no outro mundo.

As crenças religiosas mudaram ao longo dos séculos, tendo evoluído muito a noção e o conhecimento acerca da vida além túmulo.

Os gregos também acreditavam na vida após a morte, o mesmo se dando com os indianos de eras remotas, os maias, os astecas e os incas da América Central, e todas as nações indígenas em geral do continente americano, bem como os nativos do continente africano, de norte a sul, os chineses, os japoneses, etc. Enfim, praticamente todos os povos antigos acreditavam na vida após a morte, em todo o planeta. Somente no século XIX o positivismo filosófico começou a colocar em dúvida a existência de Deus, dos espíritos e do mundo espiritual, bem como a vida após a morte, gerando o chamado materialismo.

A humanidade não tem estado satisfeita com as doutrinas ou filosofias materialistas. As pessoas têm sentido um vazio com a negativa da vida futura e da existência do espírito ou alma. E por isso muitos estão, em todo o mundo, buscando novamente as religiões, as seitas, as filosofias espiritualistas, os rituais, as práticas espirituais, etc, que os levem a se sentir mais completos, mais plenos, mais felizes.

A falta de Deus, seja em que forma se acredite nele, tem deixado as pessoas inseguras, vazias, sem rumo, à deriva...vivendo uma vida que muitos acham inútil, sofrendo inutilmente numa vida sem futuro, pois em breve, acreditam, tudo acabará em nada...o vazio os aguarda...como muitos acreditam...

Por me ter sido dado um dom raro, de lembrar com certa frequência de minhas andanças e experiências em outras dimensões, planos, mundos ou universos paralelos, por ter o dom, como certa vez me disse um espírito, de transitar em dois mundos, como o personagem de cinema Constantine, sinto-me cobrado, acima de tudo por mim mesmo, a tentar ajudar as pessoas a conhecerem um pouco mais acerca do mundo para onde elas irão, na certeza de que esse conhecimento ajudará a criar, se não a certeza na vida após morte, pelo menos a esperança concreta de que ela existirá, o que já dá um imenso alívio e combate enormemente o medo da morte, que persegue quase todos durante a vida.

Esse o meu objetivo em mais uma obra, que espero que sirva para amenizar os temores, a ansiedade, as preocupações sobre a vida futura, no mundo dos mortos, que na verdade estão muito mais vivos do que nós, como tentarei mostrar neste livro, com relatos de encontros com parentes próximos recém “falecidos”, recém desencarnados, que voltaram para o mundo original há pouco tempo.

Espero que o leitor mais uma vez viaje comigo, reflita, sonhe com o amanhã feliz, experimente, aprenda e principalmente se lembre das andanças noturnas no mundo espiritual, pois na verdade todos saem do corpo quando ele entra no chamado estado de sono. Só o corpo dorme. O espírito o deixa e volta para sua dimensão original, onde muitas vezes fica mais lúcido, mais esperto, mais inteligente, trabalha, estuda, ajuda, planeja, conquista, e muitas vezes retorna ao corpo pela manhã cedo

renovado e cheio de ideias novas, planos novos, na maioria das vezes sem lembrar de onde as ideias vieram.

Tive muitas vezes, acreditem, e continuo tendo com frequência o privilégio de transitar em dois mundos. Vou e volto do mundo espiritual sem problemas.

Espero não ser mal compreendido. Não sou arrogante, não sou pretensioso, não me sinto envaidecido pelo meu dom, pelo privilégio que me foi dado, não sinto orgulho de nada. Só sinto o peso da responsabilidade pela minha faculdade, pelo dom que me foi dado, ou emprestado (?). E tenho lembrado cada vez mais das palavras do Mestre dos Mestres, Jesus de Nazaré, quando disse que “A quem muito foi dado, muito será pedido!”. Tenho medo realmente de voltar para o mundo original de mãos vazias...e que alguém me pergunte: “O que fizeste com o teu talento?”.

Boa viagem...proveitem!

## Capítulo 1

Em uma noite qualquer no primeiro semestre de 2006, quando ainda morava em Vilas do Atlântico, um bairro de Lauro de Freitas, município vizinho e muito próximo de Salvador, na Bahia, lembro de estar já fora do corpo, que se encontrava dormindo na minha cama, ao lado de minha esposa. Fui até o quarto de Bruno, meu filho caçula, que tinha na época nove anos, e o chamei, tendo ele rapidamente deixado também o corpo. Foi a primeira vez, que recorde, de ter chamado Bruno para uma viagem fora do corpo.

Saímos de casa, e então eu o abracei com o braço esquerdo, e com o direito estendido para cima, numa posição típica usado pelo super homem, com a mão direita fechada, comecei a voar com Bruno, rumo às nuvens.

O céu estava escuro, numa daquelas noites com o céu cheio de nuvens, não dando para ver bem as estrelas no firmamento.

À medida que íamos avançando e ganhando altitude, percebia as nuvens que iam sendo atravessadas por nós. Via de perto as nuvens meio brancas, meio cinzentas, e as atravessava, sem sentir água, sem me molhar. E gradativamente as nuvens foram rareando, rareando, até que foram ficando ralas demais, até por fim desaparecerem por completo do cenário.

Quando as nuvens sumiram, pude ver um céu estrelado belíssimo, como nunca havia visto antes, pois sem qualquer obstáculo à minha visão. Aquilo foi muito lindo.

Continuei voando rumo ao céu estrelado, pensando em ir cada vez mais rápido, coisa que costumo fazer quando estou voando, fora do corpo. E então, de repente, percebi que o céu estava estrelado demais, de uma forma anormal. Nunca antes havia visto tantas estrelas, e de forma tão clara. Era um mar de estrelas brilhantes, a perder de vista...

Ao perceber aquele céu estrelado ao extremo, confesso que senti medo, e me veio à mente a ideia de parar. Parar no ar, pois estava voando para cima. Então parei, ainda abraçado a Bruno. Ficamos flutuando no ar, sem sair do lugar.

Alguma coisa me dizia que eu estava muito alto, muito distante da Terra, e então voltei a cabeça para trás, para baixo, e vi a Terra, o planeta, ao longe, inteiro, podendo ver nitidamente os continentes, aqueles que dava para ver de minha posição, pois estava acima do Brasil, da Bahia.

Não distinguia o Brasil, como nos mapas, mas apenas o continente americano. E via nuvens cobrindo parte da Terra, massas de nuvens, variando do branco ao cinza escuro.

O espetáculo nunca antes vivido por mim, acostumado a sair do corpo desde os dezenove anos, foi maravilhoso. A Terra vista de fora, mais nítida do que as fotos tiradas das naves e laboratórios espaciais, ou dos satélites. E acima um mar infinito de estrelas brilhantes sem sequer um vidro de capacete de astronauta para limitar minha visão.

Tive medo, repito. Acho que pensei rapidamente que poderia não mais retornar ao corpo, que o cordão energético que liga meu corpo espiritual ao físico poderia se

partir, e então eu e Bruno desencarnaríamos. Seria uma tragédia para minha família. Pai e filho morrerem dormindo, sem causa aparente, sem doença precedente...

Então me virei, sempre segurando Bruno com o braço esquerdo, e comecei a descer, a voar em direção ao planeta, que era uma bola no meio daquele espaço estrelado e escuro.

A vista era linda e ao mesmo tempo aterradora. Ver a Terra de fora, inteira, perceber que ela é redonda, ou quase, isso é maravilhoso de se ver. Mas o temor de ficar lá no espaço com Bruno não me deixou aproveitar melhor a experiência.

Voltamos, e descemos em uma praça, não conhecida, ou não reconhecida naquele momento. E minha lembrança ficou por aí.

Essa experiência foi uma das primeiras de uma série que começaram a acontecer após um período razoavelmente longo sem lembranças de experiências fora do corpo, pois fazia tempo que não me ligava nisso, envolvido com trabalho e outras coisas. E a partir daí as coisas começaram a mudar novamente em minha vida.

Comecei a lembrar novamente, com certa frequência, de andanças em outro plano, e a encontrar com pessoas já desencarnadas, como meu pai, que desencarnou no dia 7 de agosto de 2006, tendo vários encontros com ele, nos quais pude acompanhar seu progresso e adaptação no mundo espiritual.

Foi a morte de meu pai o que mais me despertou novamente a vontade de lembrar das experiências e encontros fora do corpo físico. E isso gerou resultados inesperados, como a saída da Terra com Bruno.

Ver a Terra de fora produz verdadeiramente um efeito impressionante. Senti realmente quão insignificante é o nosso planetinha no meio daquele universo vasto e sem fim. Mas não conhecemos ainda outro planeta habitado com seres inteligentes como nós, com tecnologia, o que nos faz pensar que devemos mesmo preservar nosso lugar no universo, pois ele é único, pelo menos por enquanto.

Pensar nas guerras estúpidas, nas disputas territoriais, nas lutas entre diferentes etnias, nos ódios raciais diante da visão da unidade planetária nos leva a ver que tudo isso é uma grande insensatez.

Se todos pudessem ver a Terra de fora, ainda que fosse a visão que os astronautas têm no espaço, talvez as diferenças humanas comessem a se dissipar, pois veriam o absurdo da situação, e veriam que somos todos seres humanos, navegantes do mesmo barco, uma “bolinha de gude” rolando no espaço sideral.

Depois de estar no espaço pela primeira vez, fora da estratosfera, na escuridão do espaço, voltei a pensar novamente em coisas que há muito não me ligava, que é a existência de vida em outros planetas.

Vendo aquele oceano de estrelas, e pensando que muitas delas são rodeadas de planetas, e sabendo que hoje mais de um trilhão de galáxias já foram detectadas, e sabendo que só a nossa pequena galáxia possui quatrocentos milhões de estrelas, é difícil imaginar e aceitar a possibilidade de que só nosso pequeno planetinha alberga a vida inteligente.

Muito provavelmente, ou mesmo certamente, há milhões de planetas contendo vida, ainda que não seja nas mesmas formas por nós conhecidas.



Os inúmeros e cada vez mais frequentes relatos de aparições de OVNI's na Terra são uma amostra de que outros seres inteligentes estão nos visitando, com propósitos variados. Estudos, observação, ajuda, pesquisa, e só Deus sabe mais o quê. Mas eles estão aqui há muito tempo.

Recentemente um espírito conhecido, médico que trabalha na equipe de um centro espiritualista de cura em Salvador, disse ao grupo, na minha presença, que estaria se afastando por um tempo, porque iria fazer um curso em uma colônia (uma cidade no mundo espiritual) em outro planeta, não informando qual seria ou onde. Isso mostra o intercâmbio cultural também entre os desencarnados, que transitam em vários planetas.

Há muitos anos atrás, em 1978, ano em que comecei a sair do corpo de forma consciente, deparei-me com um imenso disco voador ao lado de meu prédio, no mesmo nível de meu apartamento, mas não era ele físico. Os encarnados não o veriam quando acordados. Entrei nele, perambulei em corredores compridos, tive medo e saí correndo, temendo ser capturado. Era ainda muito jovem, inexperiente, mais medroso do que hoje, e não sabia quem estava ali naquela nave, e com que propósito. Talvez quisessem me ajudar apenas, mas na dúvida caí fora. Não sei até hoje se eram seres de outro planeta, em seus corpos espirituais, e em nave extrafísica, ou se simplesmente espíritos desencarnados da própria Terra, em uma nave própria da sua dimensão, que existe mesmo.

Uma coisa que tenho pensado há anos é que no plano espiritual há também naves, veículos de transporte, que levam espíritos desencarnados de uma colônia (cidade) para outra. Transportam aqueles que não conseguem ainda voar, ou voitar, como chamam também algumas obras espíritas.

Penso que talvez algumas das chamadas aparições possam ser dessas naves invisíveis aos olhos do corpo físico, só percebidas por aqueles que têm um dom especial de clarividência. Há muitas experiências em que só uma pessoa vê a nave. Isso não quer dizer que pense que todas as aparições são desse tipo. Não. Acho que muitas delas são mesmo de naves extraterrestres. Acredito piamente em vida fora da Terra, e que outros seres inteligentes nos visitam.

Isso me leva a pensar que precisamos nos acostumar com essa ideia, e nos preparar para o encontro físico e para o intercâmbio que um dia certamente se dará entre nós.

Há muitas evidências da vinda de extraterrestres à Terra, e em várias épocas de nossa história. E parece mesmo que vários governos têm nos escondido a verdade, como no célebre caso de Roswell, de 1947, em um deserto nos Estados Unidos.

Há vida extraterrestre. Mas não é só física. Há vida em outras esferas ao redor dos planetas, em outras dimensões, outros planos. Há verdadeiros universos paralelos que se permeiam, que se interpenetram, sem, no entanto, se atrapalharem. Vida contínua em muitos planos, com incessante intercâmbio.

Tenho ao longo desses últimos vinte e nove anos transitado em várias dimensões, em vários mundos, indo e voltando para meu plano físico. Digo meu plano porque meu corpo que ora digita este texto é formado por matéria do que denominamos de plano físico, ou mundo material.



Não sou louco, visionário, sonhador, esquisofrênico, e não tenho absolutamente nenhum tipo de problema neurológico ou psiquiático. Sou Juiz do Trabalho desde março de 1989, e bem conceituado, equilibrado, normal, sadio, de bom relacionamento com todos. Uma pessoa comum, até certo ponto, mas que vive experiências não muito comuns. E isso certamente há de ter um propósito, de acordo com o princípio universal do utilitarismo. Tudo tem uma utilidade no universo. Não há nada inútil. Minha faculdade, meu dom, serve a uma finalidade. Cabe-me saber utilizar bem o dom que me foi dado.

Relatarei nesta obra diversas experiências que me dão cada vez mais a certeza de que minhas lembranças das experiências fora do corpo não são meros sonhos, devaneios, fruto de descargas elétricas anormais, desejos reprimidos, projeção de desejos, alucinação, fruto de telepatia ou de memória genética, etc.

Há experiências que nem mesmo a telepatia pode explicar totalmente. Muito menos a memória genética.

Minha visão do planeta físico de forma unitária neste momento de minha vida também deve ter um propósito. A solidificação da ideia de unidade humana. Brancos, negros, asiáticos, cristãos, muçulmanos, hindus, budistas, capitalistas, comunistas, etc, somos todos apenas seres humanos, e demasiadamente humanos, como disse o filósofo Nietzsche.

Da fraqueza humana deve advir a sua força. Da desunião deve brotar a unidade. Da luta deve brotar a paz por fim. E da loucura deve nascer o equilíbrio entre os povos, entre as nações, entre os mais diversos grupos étnicos, raciais, religiosos, gerando assim a paz na Terra, para um maior progresso planetário, que nos leve rumo às estrelas, pelo espaço sideral, para contato com civilizações mais avançadas que já conquistaram pela harmonia o direito de visitarem seus irmãos universais em planetas outros, respeitando a diversidade cultural e de forma, sem preconceito, sem desejo de dominação e exploração.

Enquanto ainda estivermos no nível de explorar nossos próprios irmãos planetários, jamais sairemos sequer de nosso pequeno sistema solar, porque a beligerância não deve e não pode mesmo se espalhar pela galáxia. Só os pacíficos podem sair pelo espaço a visitar outros mundos. Isso me leva a crer que aqueles que nos visitam sejam pacíficos, não agressivos.

Igualmente, para transitarmos entre os vários universos paralelos que se interpenetram, é preciso ter equilíbrio e desejo de aprender e ajudar, sem preconceito, sem medo, estando aberto a novos conhecimentos e descobertas. O que chamamos de mundo espiritual está cheio de vida, e os “mortos” na verdade estão muito, mas muito mesmo mais vivos do que nós...meu pai agora sabe disso! E está feliz, curtindo ao lado de seus irmãos e amigos que o precederam. Jamais pensou que a outra vida, no mundo dos espíritos, fosse tão boa...

Conhecer o mundo onde viveremos depois da chamada morte, que é apenas o afastamento definitivo do corpo de carne, nos prepara desde já o futuro, com a adaptação antecipada, evitando perda de tempo após o desencarne, e abrindo-nos um campo de aprendizado e vivências inesgotável...

Viaje comigo a mundos maravilhosos, acompanhe-me na descoberta de uma vida desconhecida da maioria de nós, uma verdadeira vida paralela, vivida durante um terço de nossos dias, posto que dormimos oito horas por dia, das vinte e quatro horas que compõem o dia.

Um terço de nossas vidas se passa diariamente em outras dimensões, em outros universos paralelos, que é bom conhecermos melhor...